

### 3 Metodologia de Pesquisa

Os dados foram coletados no curso de Português para Estrangeiros, realizado na PUC do Rio de Janeiro, e no curso de português oferecido pelo Departamento de Português e Estudos Brasileiros de Brown University, em Providence. Foi feita uma pesquisa etnográfica, com gravação em áudio em turmas, em dois níveis diferentes de proficiência, por dois meses.

Este é um trabalho de base qualitativa e descritiva dos dados para os pronomes e as formas de tratamento, e de base qualitativa e interpretativa dos dados coletados, principalmente, das entrevistas, para a construção da identidade dos aprendizes.

A escolha de caracterizar nosso trabalho como qualitativo deu-se por ser a mais apropriada forma para a descrição do Português como Segunda Língua, no contexto em que está sendo usado, como em sala de aula interagindo com o professor e com outros aprendizes (Seliger & Shohamy, 1989). Precisamos atentar, também, para o fato de que na pesquisa qualitativa não há uma preocupação com a quantidade dos dados, mas sim com seu aprofundamento em relação a questões sociais (Sousa, 2002).

Foi realizada uma pesquisa etnográfica, por reconhecermos uma forte relação entre língua e cultura, e que “The very concept of the evolution of culture is dependent on the capacity of humans to use language for purposes of organizing social cooperation” (Saville-Troike, 1989, p. 32). Enfocando a interação lingüística dos participantes, foram utilizados: atividade oral e entrevista com 22 alunos americanos, livros e materiais didáticos, entrevista com 5 professores, metodologia usada pelos mesmos no ensino dos pronomes e das formas de tratamento e observação em sala de aula.

Foram analisados 6 livros didáticos: *Fala Brasil: Português para Estrangeiros*, *Interagindo em Português: Textos e Visões do Brasil, Falar... Ler... Escrever... Português: um curso para estrangeiros*, *Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*, *Português Básico para Estrangeiros* e

*Para a frente!*, dentre os vários disponíveis no mercado, de forma a observar a abordagem do tema, e como está sendo apresentado aos aprendizes de Português como Segunda Língua. Os dois últimos foram selecionados por fazerem parte do material didático utilizado nos cursos de português do departamento da universidade americana.

### **3.1. Sujeitos**

Nossa pesquisa desenvolveu-se com dois grupos de americanos. O primeiro grupo é caracterizado por 13 alunos universitários do curso de Português para Estrangeiros da PUC do Rio de Janeiro. Trabalhamos tanto com o gênero feminino quanto com o masculino, cuja faixa etária varia entre 20 e 33 anos. Dos 13 alunos, 9 possuem pais americanos; 2, mexicanos; 1, portugueses; e 1, mãe brasileira e pai americano. Apenas 2 não consideraram o inglês como língua materna; um considerou o espanhol e o outro, o português.

Este grupo estava cursando os níveis 3 e 4, no momento da coleta de dados (primeiro semestre de 2002). A escolha por esses dois níveis deveu-se pelos alunos possuírem um maior conhecimento das estruturas lingüísticas da língua portuguesa. A universidade escolhida possui ainda o nível 5 de proficiência, que também foi observado. Mas, por falta de disponibilidade dos alunos americanos pertencentes a este nível para participar da atividade oral e entrevista, não foi possível realizar uma boa coleta de dados.

O segundo grupo é caracterizado por 9 alunos americanos também universitários (graduandos e pós-graduandos), inscritos nos cursos de português do departamento de Brown University. Novamente trabalhamos tanto com o gênero feminino quanto com o masculino, com idades entre 18 e 28 anos. Todos possuem pais americanos e o inglês como L1.

Este grupo cursava, no momento da coleta dos dados (segundo semestre de 2002), as disciplinas PB40 - Writing and Speaking Portuguese e PB103 - Portuguese Stylistics: Advanced Language Study and Creative Writing (anexo 1). A escolha por essas turmas deveu-se ao fato de já possuírem um maior domínio da língua oral e das estruturas lingüísticas da língua portuguesa, ou seja, por encontrarem-se em nível de proficiência lingüística análoga aos estudantes consultados no Brasil.

A escolha da universidade carioca deu-se por dois motivos: a PUC-Rio possui um qualificado curso de Português para Estrangeiros, e foi de uma grande receptividade à minha pesquisa. A escolha por Brown University deveu-se ao programa de intercâmbio cultural, que a PUC-Rio mantém com esta universidade e, também, pela qualidade dos seus cursos de português oferecidos aos alunos americanos.

### **3.2. Observação Assistemática**

A observação assistemática, mais conhecida por observação participante, permite que o observador assumira “o papel de um membro do grupo” (Selltiz et al., 1975, p. 232), participando de sua atuação. Para Saville-Troike (1989), o sucesso nesse tipo de participação deve-se a “freeing oneself as much as humanly possible from the filter of one’s own cultural experience” (p. 119).

Os alunos sabiam que a observação da aula fazia parte de uma pesquisa para Dissertação de Mestrado, já que os professores apresentaram a situação. Sendo assim, a presença do pesquisador não prejudicou a interação e o andamento da aula. Convém atentar para o fato de que a turma do nível 3 interagiu entre si mais do que a do nível 4. Atentamos, também, para o fato de a turma PB 103 ser composta por apenas dois alunos da pós-graduação em Literaturas e a turma PB 40 ser composta por nove alunos da graduação.

Apesar de nosso alvo serem os alunos de nacionalidade americana, observávamos a interação entre todos os alunos da turma. A turma do nível 4 era composta por, aproximadamente, 90% de alunos americanos. Enquanto isso, a turma do nível 3 era um pouco mista, isto é, 6 americanos, 1 alemão e 4 latino-americanos (mexicanos e outros). Esse fator cultural pode influenciar a interação interpessoal dos aprendizes.

### **3.3. Entrevista e Atividade**

Para a atividade oral, foi utilizada a técnica de psicodrama (Selltiz et al., op. cit.), em que os alunos precisariam representar eles mesmos em três situações diferentes e reais, conforme o anexo 2. Os alunos ficaram à vontade para representar a situação que quisessem, desde que tivessem que falar com a diretora,

com a professora e com o melhor amigo, ou seja, três situações com diferentes graus de formalidade.

A entrevista foi realizada logo após a atividade, individualmente, em dupla ou até mesmo em trio, respeitando a disponibilidade dos alunos. Foi utilizado, para os alunos que estavam imersos no Rio de Janeiro, um roteiro (anexo 3), que podia ser modificado, de acordo com as respostas dadas, o que Duranti (1997, p. 106) chama de “standardized questionnaire” (questionário padronizado). Para a entrevista realizada na universidade americana, o roteiro foi adaptado (anexo 4) de forma que as perguntas se adequassem ao aprendizado da língua portuguesa nos Estados Unidos.

Nosso objetivo, com a entrevista, era conhecer a opinião que os alunos tinham sobre o grau de formalidade do Brasil e dos Estados Unidos, saber se possuíam conhecimento de outras línguas, principalmente o espanhol, o que poderia criar uma possível transferência, e dos pronomes e formas de tratamento, principalmente o pronome *tu* com flexão verbal de terceira pessoa do singular e seu uso.

Tencionamos, também, saber sobre formas de aprimoramento da língua portuguesa e a importância do livro didático em suas aprendizagens. Dessa forma, buscamos em suas respostas a maneira com que estavam construindo suas identidades lingüísticas.

The ethnographer must be open to new ideas, information, and patterns which may emerge in the course of interviewing, and to differences between ‘ideal’ and ‘real’ culture as reflected in statements of belief or values and in actions, respectively. (Saville-Troike, 1989, p. 124)

Os professores<sup>1</sup> foram entrevistados, seguindo um roteiro (anexo 5), elaborado a fim de observar suas metodologias e opiniões a respeito do tema. Nosso objetivo principal, ao entrevistá-los, era saber de que maneira eles influenciavam a aprendizagem dos alunos.

---

<sup>1</sup> Não citamos os professores como sujeitos da pesquisa por não fazerem parte do corpus principal da análise.

Para isso, procuramos focar a área de pesquisa, metodologia adotada ao ensinar os pronomes *tu* e *você* e as formas de tratamento, e suas opiniões a respeito do pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa do singular. Um dos professores entrevistados é o chefe do departamento de Português em Brown University. Nosso objetivo, ao entrevistá-lo, era saber um pouco mais sobre o departamento, um dos únicos autônomos nos Estados Unidos, ou seja, sem ligação com o departamento de Espanhol, Italiano ou Línguas Românicas.

É relevante ressaltarmos que tanto a atividade oral quanto as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

### 3.4. Transcrição e Análise dos Dados

Para uma melhor caracterização da fala dos alunos e dos professores, utilizamos os recursos que consideramos relevantes para a análise dos dados e entendimento por parte dos leitores, apresentados a seguir:

...	Pausa
“”	Fala do informante
ah, eh, ih, oh, uh	Pausa preenchida
::	Alongamento da vogal
()	Observação sobre o comportamento não-verbal
MAIÚSCULA	Ênfase ou acento forte
(1.5)	Duração da pausa
(!)	Com entusiasmo
(!!)	Com muito entusiasmo
(!?)	Com surpresa
(tô)	Estou
(tá)	Está
(né)	Não é
(tava)	Estava
(tão)	Estão
(teve)	Esteve
(pô)	Poxa

Quadro 5

Não nos preocupamos com uma transcrição mais formal, seguindo as regras da Análise do Discurso ou da Conversação, como demonstra o exemplo abaixo:

Aluno A: Eu acho formalidade (3) um pouquinho menor aqui, eu acho porque aqui é cultura latina, lá é mais rígido lá. É cultura mais rígida. E aqui eu acho que tinha um jeito para falar mais

informal aqui ah:: também... ah::: acho que só por causa disso... da cultura... aqui são mais relaxados...<sup>2</sup>

Precisamos salientar que o sexo e a idade não foram relevantes para a nossa análise. As outras informações foram consideradas pertinentes, tais como área de estudos, nacionalidade dos pais, entre outras. Sendo assim, utilizamos o quadro a seguir como convenção para codificação.

<b>P</b>	PUC-Rio
<b>B</b>	Brown University
<b>3, 4, ...</b>	Nível III, IV, ...
<b>A, B, C, ...</b>	Alunos A, B, C, ...
<b>Pr</b>	Professor

Quadro 6

Os professores foram caracterizados por números (1,2,...). Não acrescentamos a esses números o código da universidade, para mantermos em sigilo suas identidades (ou tentarmos fazê-lo). Sendo assim, **Pr1** é o código para o professor 1 e **Pr3** é o código para o professor 3, que podem lecionar na PUC-Rio ou em Brown University.

Professor 1: Eu sou mestre em letras, a minha tese é na área de descrição do português, apesar de ter um enfoque... social muito grande. E eu tenho aqui a especialização daqui da PUC em... na formação de professores de português para estrangeiros.<sup>3</sup>

Para caracterizarmos os alunos, foram utilizadas letras maiúsculas do alfabeto e seus respectivos níveis de proficiência por números de 1 a 5. Então, **P3A** é o aluno A do nível 3 da PUC-Rio e **P4F**, aluno F do nível 4 da mesma universidade.

Aluno D: Sim, eu somente tive uma aula de português, e era o português para pessoas que podiam falar o espanhol, então era geralmente se você falava o espanhol, ah ela admitia para falar o português.<sup>4</sup>

Aluno F: É, o português de Portugal, os meus pais falam sempre em casa. Então... tenho falado desde criança e os meus estudos em Santa Bárbara tem sido a maioria com professores portugueses, quase todos, só tenho tido um que é do Brasil, de São Paulo. Mas os outros todos de Portugal, do Porto.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Fragmento da entrevista com o aluno P3A.

<sup>3</sup> Fragmento da entrevista com o Professor Pr1.

<sup>4</sup> Fragmento da entrevista com o aluno P3D.

<sup>5</sup> Fragmento da entrevista com o aluno P4F.

Estamos considerando, para a transcrição das entrevistas e das atividades orais realizadas nos Estados Unidos, como nível 1 a turma PB 40 da graduação e como nível 2 a turma PB 103 da pós-graduação. Sendo assim, **B1A** é o aluno A da turma PB 40, por exemplo.

Aluno A: Ah... Eu estudei em uma escola brasileira, num colégio lá no Brasil, ah então eu aprendi. Eh eu também morei com uma família brasileira então... mas agora eu esqueci muito porque... eu fiquei um ano sem falando português com ninguém.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Fragmento da entrevista com o aluno B1A.